

**GRUPO DE ESTUDO DO CAPITAL – DESVENDANDO O
FETICHE PARA COMBATER OS MOINHOS DE VENTOS****CAPITAL STUDY GROUP – UNVEILING THE FETISH TO FIGHT THE
WINDMILLS****Abimael Carvalho da Rocha¹****Cristiano Araújo Soares²****Guilherme Viana de Lira³****Juliano Henrique Xavier Cavalcanti⁴****Ludmila Pereira Alves⁵****Maisa dos Santos⁶****Mauro Cristiano de Paula Silva⁷****Patrícia de Oliveira Portela⁸****Tulio Barbosa⁹**

¹ Fundador e organizador do Grupo de Estudos “O Capital” vinculado ao Núcleo Teoria Anticolonial. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de Mestrado pela CAPES. E-mail: abimaelgeografia@gmail.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de Doutorado pela CAPES. E-mail: cristianoaraujoprofessor@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de mestrado pela FAPEMIG. E-mail: Guilherme.lira@ufu.br

⁴ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de Doutorado pela CAPES. E-mail: julianocavalcanti14@gmail.com

⁵ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de Doutorado pela CAPES. E-mail: ludipalves1308@gmail.com

⁶ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista do curso de Doutorado pela CAPES. E-mail: maisa.dossantos@ufu.br

⁷ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, professor substituto na rede federal de ensino - Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e educador ambiental. E-mail: maurocristianogeoo3@gmail.com

⁸ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: patriciap@ufu.br

⁹ Fundador do Núcleo Teoria Anticolonial e docente do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Tutor do Grupo PET MEC Geografia – IG – UFU. E-mail: tuliobarbosa@ufu.br. Site: <https://www.anticolonialismo.org/>

RESUMO

Os escritos de Karl Marx são de fundamental importância para a compreensão da realidade da Sociedade Produtora de Mercadorias da qual estamos inseridos. Dessa forma, utilizamos como base para esse artigo o texto: “O Capital”, livro I, tomo I. As reflexões resultantes nos proporcionam um vislumbre de entendimento da realidade subjacente nas mais variadas escalas, nos dando possibilidade de reflexão crítica da sociabilidade e nos colocando contra qualquer forma de positividade. Conduzido em uma leitura esotérica, o embate parte de categorias, as quais apresentaremos aqui segundo nosso entendimento e que tem influenciado na elaboração de nossas dissertações e teses. A dialética presente na obra de Karl Marx também nos confronta acerca do método de pesquisa, nos levando ao embate epistêmico dentro da ciência geográfica. Aqui, apresentamos como centralidade o conceito de Fetiche da Mercadoria, abstração que se coloca como o sujeito das relações sociais e transforma os indivíduos em objeto.

PALAVRAS-CHAVE: valor-de-uso; valor-de-troca; concorrência; trabalho; fetiche da mercadoria.

ABSTRACT

Karl Marx's writings are fundamentally important for understanding the reality of the Commodity-Producing Society in which we are embedded. Thus, we base this article on the text "The Capital", Volume I, Book I. The resulting reflections provide us a glimpse into understanding the underlying reality across various scales, enabling us the possibility of critical reflection on sociability and setting us against any form of positivization. Conducted through an esoteric reading, the debate emerges from categories, which we present here according to our understanding and which have influenced the development of our dissertations and theses. The dialectic present in Karl Marx's work also confronts us about the research method, leading us into epistemic debates within geographic science. Here, we emphasize the concept of the commodity fetish as central, an abstraction that places itself as the subject of social relations and transforms individuals into objects.

KEYWORDS: Use-value; Exchange value; Competition; Labour; Commodity Fetishism.

INTRODUÇÃO

Grupos de estudos tem a incrível capacidade de, além de ser espaço de socialização dentro da universidade, principalmente para os neófitos, possuem condições de propiciar a construção do conhecimento de forma coletiva, pois congrega diversas pessoas em momentos diferentes de formação, alguns iniciando, outros mais adiantados na pós-graduação ou enquanto professores. Os primeiros nos colocam em contato com as novas gerações e os últimos vão lapidando e contribuindo com a difícil tarefa das pesquisas e da produção do conhecimento.

Desde abril de 2023, foi pensado, fundado e organizado pelo professor Abimael Carvalho da Rocha, reunindo graduandos, mestrandos, doutorandos e docentes, todos vinculados ao Núcleo Teoria Anticolonial, um grupo de estudos para a leitura e debate da obra de Karl Marx, O Capital, primeiro volume.

Este livro que elegemos para análise tem, como é sabido, uma forma de escrita e apresenta um objeto de extrema dificuldade para o entendimento, além disso, é indispensável para aqueles que buscam entender a sociedade produtora de mercadorias da qual fazemos parte.

Assim, todas as terças-feiras, a partir das 17 horas, temos nos reunido para a comunhão em torno desse feito que nos propomos, os debates são acalorados, em alguns encontros avançamos algumas páginas, em outros alguns parágrafos, mas em entendimento, com modéstia e humildade, podemos afirmar que caminhamos a passos largos, com verdadeira transformação em nossas metodologias e capacidade analítica. A importância desse grupo é tamanha que por vezes as aulas necessárias aos créditos para concluirmos nosso curso parecem atrapalhar os estudos. Nesses encontros debatemos muito mais que o texto, colocamos para a apreciação os temas de nossas pesquisas, onde cada um dá sua valiosa contribuição e por vezes acaba mudando ou acrescentando o que havíamos elaborado, de tal maneira que a construção de nossas teses, dissertações e monografias passam a ter o caráter de serem produzidas de forma coletiva e, paradoxalmente, individuais, estando presente o nosso entendimento e as contribuições dos companheiros de grupo, em conjunto às dos orientadores.

A leitura 'd'O Capital' em pleno século XXI, entendemos que seja, é de enorme importância, por vezes temos a impressão de que o autor estava analisando o momento presente, sua astúcia em conceituar a forma social e suas estratégias pedagógicas de nos apresentá-las é por si um conhecimento conotativo do texto. Porém, longe de qualquer possibilidade de apologia, ou de transformá-lo em demiurgo, a leitura é crítica. Não nos interessamos pela positividade do pensamento de Karl Marx, buscamos, antes o negativo, aquilo que ele nos apresenta como o obnubilado pelas relações sociais e não há nenhuma

proposta de aplicação direta a não ser o entendimento desse imbróglgio social em que estamos metidos, assim, esclarecemos, que a leitura é esotérica¹⁰, muito diferente da leitura marxista e esotérica, porém não sejamos ingênuos de não considerar os impactos dessa leitura na realidade objetiva, já que altera nossa percepção de mundo e adentra as nossas produções científicas. Fazemos a leitura com duas traduções diferentes, a da editora Abril de 1985 e a da editora Boitempo de 2015. Além dessa importante obra canônica das ciências humanas, uma hora antes desse encontro lemos os textos do Grupo Krisis, que nos ajuda a decifrar o capital. A ideia, portanto, de nossas reuniões, e parafraseando um texto do grupo supracitado, é esta já conhecida dos iniciados na leitura crítica desse grande autor das ciências humanas: com Marx para além de Marx.

ENTENDENDO O LIVRO ‘O CAPITAL’, VOLUME I PARA ENTENDER O BRASIL

Marx inicia o livro com uma famosa passagem colocando que a riqueza das nações onde predomina o modo de produção capitalista, se apresenta como um monstruoso conjunto de mercadorias. Por produção entendemos que é uma forma de apropriação da natureza, sob a égide do capital, uma forma que busca a tautologia da produção do valor, este apresenta-se como uma coleção de mercadorias, ou seja, se demonstra dessa maneira, porém, não o é. Nossa leitura com a metodologia da exegese não busca a filologia das palavras, porém, a reflexão sobre seus significados mais profundos por vezes se coloca como possibilidades de melhor entendimento.

O texto parte de forma lenta e extremamente pedagógica com os necessários e cansativos exemplos da camisa e do linho para aos poucos nos apresentar os fundamentos daquilo que é denominado de Teoria do Valor. A riqueza, ou o valor presente nas mercadorias nada mais é que uma relação social, dada a partir do tempo de trabalho social médio para a sua confecção, dentro de determinado desenvolvimento das forças produtivas. A mercadoria é necessária, pois é o invólucro do valor de troca, possui enquanto veículo para este o valor de uso. Assim entendemos que a mercadoria é esse mínimo da sociabilidade e que se apresenta com a contradição mais simples e que se desenvolve de inúmeras formas, colocando outras contradições. Essa contradição primária é a presença na mercadoria do valor de uso e o valor de troca, o primeiro, sensível, capaz de satisfazer necessidades humanas, o segundo uma abstração, onde não se encerra nenhum átomo em sua composição, apenas gelatina indiferenciada de trabalho humano, o trabalho necessário para a sua confecção.

¹⁰ Compreendemos por leitura esotérica a busca pelo entendimento conceitual da Sociedade Produtora de Mercadorias, a sua essência, centrada no conceito de Fetiche da Mercadoria e seus desdobramentos, diferente da leitura esotérica centrada nas descrições fenomênicas, na superficialidade e sua busca da positividade da teoria de Marx.

Não é simplesmente a quantidade de trabalho humano presente na mercadoria que vai configurar o seu valor, se assim o fosse, o trabalho menos habilidoso colocaria o maior valor, o que se dá é uma produção de valor mediada pela concorrência entre todas as unidades produtivas, “O valor de uma mercadoria está para o valor de cada uma das outras mercadorias assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra” (Marx, 1985, p. 48).

Aquela unidade produtiva que não acompanhar o desenvolvimento das forças produtivas, ou parar os investimentos em capital constante, não irá acompanhar a média de trabalho social de produção do valor e terá prejuízo, isso quer dizer que se uma unidade produtiva estiver produzindo em 1 hora de trabalho x de valor, as outras unidades terão que produzir o mesmo no mesmo tempo, caso seja diferente há implicações, se produzir valor menor, terá prejuízo, caso produza mais, terá sucesso na extração de mais-valia, forçando os demais a acompanhá-la. Por mais-valia entendemos o trabalho não pago, um trabalhador recebe um salário menor que o valor que ele produz, essa diferença constitui esse não pago, assim, é a mais-valia.

Aqui se abre um entendimento primário, mas essencial - a mercadoria, em sua dupla determinação, assim como as outras categorias do Capital são em sua essência, mediadas socialmente. Trata-se de um sistema que abarca todas as esferas da vida e suas engrenagens não param, constitui-se como um verdadeiro sujeito automático, *a priori* metafísico, mais real que os sujeitos individuais que encontramos nas ruas, o processo capitalista tornou o capital o próprio sujeito em questão, um autômato.

Destarte, adentramos uma das principais contribuições de Karl Marx para o entendimento da sociedade produtora de mercadorias, aquilo que por ele é denominado de Fetichismo da Mercadoria. Ele utilizou um conceito das religiões africanas para explicar umas das partes mais difíceis de entendimento do processo de produção e reprodução do valor.

O valor de troca, ou simplesmente valor, não é uma característica física, algo material, ou possível de ser apropriado ou percebido pelos sentidos ou qualquer instrumento técnico, é como a alma, o espírito da mercadoria, porém não presa a ela, pois é uma relação social, assim como em algumas crenças é dado a um pedaço de madeira ou barro uma determinação que ele não possui, conferindo algo que não é propriedade da matéria e sim uma abstração, metafísica. Por vezes o Fetichismo pode ser colocado como falsa consciência, o que não o é, ele é objetivo, entendendo-o ou não, ele organiza a sociedade às suas necessidades, é em torno dele que gira toda a sociedade produtora de mercadorias. A mercadoria reflete aos homens o resultado social de seu trabalho como sendo propriedade da própria mercadoria, a essa característica Karl Marx dá o nome de Fetichismo, uma propriedade metafísica, que dentro do processo de produção de valor, colocar-se-á enquanto a centralidade, a tautologia que faz com que todo o processo social gire em torno dela.

O Fetiche da Mercadoria é a ação do objeto sobre o sujeito, ao mesmo tempo o sujeito é consolidado como objeto, ou seja, há uma inversão social, e, desta forma, o objeto, mercadoria, passa a ser o sujeito, e o sujeito, indivíduo da espécie humana, passa a ser sujeito, objetificado, ou seja, um objeto, e isso se constitui de forma concomitante, um definindo o outro. O objeto mercadoria e o objeto sujeito interagem por meio da produção de outras mercadorias e de outros sujeitos. O sujeito desejante, o Fetiche da Mercadoria, um autômato, é o equivalente geral, mercadoria que se troca por todas as outras mercadorias, constituindo-se em uma tautologia.

A mercadoria com sua contradição entre valor de uso e valor de troca, nos é necessária, enquanto indivíduos, porque é através dela que satisfazemos nossas necessidades sensíveis, porém para seu acesso é necessário mercadoria em forma de dinheiro, o que coloca a tautologia, ou seja, sua metamorfose, momento em que ela se realizada segundo a qual veio ao mundo, se transmutar em equivalente geral.

A mercadoria precisa do movimento, isto é, sua constante transformação em dinheiro. A mercadoria faz o indivíduo existir, portanto, a mercadoria nos impõe uma existência a partir do seu negativo, precisamos acessá-la por meio da venda do trabalho, que há de se tornar o abstrato do valor. A posse de algo, faz com que suas características negativas reflitam sobre aquele que a têm, refletindo seu brilho na definição fetichista do possuidor, é a definição desse indivíduo no mundo da mercadoria. O indivíduo enquanto mercadoria é objetificado e age como mercadoria. O indivíduo que se vê como sujeito precisa compreender que enquanto tal ele não existe, o que existe, dentro dessa forma social, é o fruto de seu trabalho, um objeto, a mercadoria, se colocando como o verdadeiro sujeito das relações, aí que se dá a inversão sujeito e objeto.

Eu-mercadoria é a constante do capitalismo, mesmo que lutemos contra essa forma social, nos colocamos sempre na posição do indivíduo cujas relações sociais estão reificadas, a mercadoria é o imperativo das relações sociais. O indivíduo no capitalismo não tem forças para atuar contra as ligações psicológicas, físicas, espaciais, históricas, culturais, jurídicas e econômicas que se colocam diante de si, suas definições são dadas por essa forma social, que lhe configura como indivíduo objetificado.

A luta é entre o indivíduo e o sujeito mercadoria, na melhor das hipóteses. Afinal, preciso me vender para me comprar - essa afirmação nada tem de paradoxal, mas de grande relevância para o entendimento das contradições do capitalismo e da ação para efetivação de um processo de ruptura.

O indivíduo no capitalismo existe para o capitalismo, ou seja, sem sua conformação ao capitalismo é excluído da própria esfera da existência, um apêndice, um mônada da maquinaria social. A educação, formal e informal, é construída a partir da lógica do capital, a partir da mercadoria que define os nexos sociais. Falamos de um indivíduo e de uma

mercadoria histórica, ambos têm lastros no processo de produção, no processo histórico que define o que é produzir. Eu existo como mercadoria para que possa existir enquanto sujeito sujeito. E minha sujeição está atrelada à produção. Eu preciso viver como uma mercadoria no modo de produção capitalista, e o maior mecanismo de dominação chama-se salário.

Como vive uma mercadoria? Essa questão tem grande importância por nos colocar na produção direta do sujeito. A mercadoria não possui a mercadoria, pois não possui o resultado da produção, já que a mercadoria é o resultado da produção e a direção da própria sociedade é feita pela produção, que antecede a mercadoria. Uma mercadoria sempre tem vida, isso significa que a sua existência precisa ser autônoma no capitalismo, isto é, ela precisa existir pelas funções que foram projetadas pela produção e direcionadas para a sociedade.

A mercadoria é produzida não visando seu lado sensível, mas sim, por ser o veículo do valor de troca. Sua viabilidade é colocada na realidade a partir do momento em que ela pode realizar o equivalente geral, assim, possível de realizar o Fetiche, então é mobilizado o necessário para a sua materialização, ou produzido o espaço necessário para a sua confecção, as máquinas, a energia, a matéria-prima e o principal, o trabalhador, todos pagos com dinheiro que, por visar a sua reprodução, é capital.

O trabalhador, por sua dupla liberdade, livre dos meios produtivos e livre para se vender enquanto força de trabalho, troca seu dispêndio de cérebro, músculos e força por salário e por meio dele, converte-se portanto, em mercadoria, cujo valor é determinado pelo necessário à sua reprodução, ou, em outras palavras, sua subsistência.

No tempo da redação 'd'O Capital' o modo de produção capitalista era organizado pela estrutura escravocrata. O escravizado era ao mesmo tempo produtor de mercadorias e mercadoria. O trabalho livre, aparentemente, não tem o processo de escravidão ditando as formas de produção.

O colonialismo, o racismo e a estrutura escravocrata foram fundamentais para o capitalismo na sua organização e no seu modo de produzir e reproduzir a sociedade. Obviamente que na época da escrita 'd'O Capital' o capitalismo já se organizava sem a estrutura visível da escravidão, mas ela continuava em vários países do mundo, países colonizados e explorados de forma feérica. Deste modo, entendemos que a estrutura escravocrata no modo de produção capitalista, constituiu e constitui-se enquanto acumulação primitiva de capital, que sempre envolve a violência como seu meio de ação, a violência é a verdadeira parteira da história.

Neste sentido, compreendemos que a escravidão foi um dos motores da acumulação primitiva por meio da colonização e da exploração violenta. Assim, principalmente no Brasil, a lógica da mercadoria está atrelada a lógica da escravidão (Barbosa, 2023). Não se pode produzir mercadoria de forma aleatória, visto que ela precisa como 'vida em movimento' ser organizada pelas bases constitutivas da realidade; assim, a mercadoria como necessidade parte

da forma-escravidão permanentemente, pois a sociedade 'livre' na venda de mão de obra pelos trabalhadores teve apenas uma adaptação da estrutura visivelmente escravocrata para o aparente trabalho livre.

A escravidão forjou a mercadoria-*commodities* e tal mercadoria promoveu a base para o acúmulo e para a produção industrial. A mercadoria enquanto produto dependia também da mercadoria enquanto vida. A escravidão foi decisiva na acumulação primitiva e na constituição da base do trabalho livre; assim, o trabalho escravizado não foi substancialmente transformado em trabalho livre, visto que a lógica do salário contém as correntes da escravidão (Barbosa, 2023).

Diante disso, ressaltamos que a escravidão convivia com o trabalho 'livre', principalmente nas cidades, todavia o trabalho 'livre' tinha as amarras da escravidão e esse processo continua ainda hoje, isto é, a escravidão fornecia para os escravizados a condição de máquina, de produtor de mercadoria e ao mesmo tempo de mercadoria; logo, o processo da escravidão oferecia mão de obra abundante e extremamente barata, o que permitia maximizar os lucros e acelerar o processo de acumulação de capital. Ou seja, o trabalhador não é o proprietário dos benefícios do seu trabalho.

Nesse contexto e de acordo com Silva (1991) a natureza humana é negada no processo do trabalho, pois nesse sentido os trabalhadores têm sua organicidade violentada e humilhada, pois não se escolhe para quem trabalhar e tem sua essência animalizada e reduzida.

A relação do trabalho escravizado com o trabalho livre na produção de mercadoria precisa ser pensada não como ruptura, mas como continuidade de uma mercadoria que nunca teve sua produção interrompida. As mudanças da tecnologia e das técnicas vieram acompanhadas das transformações das estruturas vigentes do capitalismo. A escravidão visível teve de ser substituída pela ideologia do trabalho livre, mas o trabalho livre na sociedade é a construção de um Fetiche que acompanha a fetichização da mercadoria. O trabalhador precisa ter sua existência compatível com a mercadoria, toda sua vida girará na órbita da produção e com isso entendemos que a escravidão muda de forma e jamais de conteúdo.

A escravidão visível foi sendo substituída pela escravidão invisível (Barbosa, 2023). O Fetiche da Mercadoria precisa ser compreendido em suas origens no Fetiche do trabalho assalariado, pela dimensão de uma escravidão que tem como forma e conteúdo o assalariamento. A produção de mercadorias, portanto, foi tendo suas especificações que precisam de uma sociedade dedicada integralmente ao estudo e a reprodução do aperfeiçoamento da produção de mercadorias. A escravidão visível não apresentava uma ideologia que fosse capaz de ludibriar a sociedade, mas o trabalho assalariado especializado poderia distinguir homens e mulheres a partir de seu local na produção capitalista.

As escolas e as universidades seguem essa lógica do aperfeiçoamento para a produção de mercadorias, para produzir e reproduzir mais pessoas fetichizadas pela mercadoria,

fetichizadas pelo trabalho e dominadas pela técnica do assalariamento (Barbosa, 2023). Assim, a escravidão não suprimiu suas contradições e suas opressões, mas teve sua continuidade no trabalho dito livre, na forma dominante do trabalho livre, pois o conceito de liberdade está na e para a produção de mercadorias.

Entendemos, portanto, que a herança da escravidão no capitalismo é a própria organização capitalista. Mesmo não 'existindo' a escravidão persiste no mundo atual, seja visível com os trabalhos análogos à escravidão ou invisível no trabalho assalariado.

Todo investimento no capitalismo tem apenas uma finalidade e isso significa lucro, com isso entendemos que o lucro organiza a forma de pensar a realidade, ou seja, a extração de mais-valia, ou o Fetiche da Mercadoria. Tudo que é real, portanto, precisa gerar lucro. Assim, a partir 'd'O Capital' entendemos que todos os possuidores de mercadoria pensam da mesma forma quanto à realidade, pois o lucro define a realidade por meio da materialização da mercadoria e, com isso, a mercadoria define a realidade. A realidade é igual às formas de produção da mercadoria. Neste sentido, a realidade será sempre produtiva e terá que existir como comparação com equivalentes gerais a partir da mercadoria.

Para Marx existe uma mercadoria que prevalece sobre as outras e essa dá o sentido da comparação. O dinheiro é equivalente de valor universal, assim possuir dinheiro significa ter o poder para trocar, negociar, vender, enfim ter lucro. Marx afirma que a repetição constante da troca a torna um processo social e regular. A troca, portanto, garante o caráter da realização do valor, desse modo a mercadoria se torna social e a suas fases de metamorfose, uma única forma de existência, logo, o dinheiro promove o lucro e com isso domina as trocas e os fatores comerciais, isto é, o domínio da vida a partir da permanente venda de mercadorias e de mão de obra.

A lógica da produção de mercadorias se impõe como modelo hegemônico de sociabilidade necessária para a produção da vida e do vivido, portanto constitui a mediação cotidiana da existência humana. O acesso àquilo material e imaterial, que satisfaz as nossas necessidades, troca constante com a natureza, se dá por meio das mercadorias. O Fetiche da Mercadoria domina ainda a produção do espaço, visto que a produção é concomitante ao ato de produzir espaço, organizado para e pela mercadoria. Assim, o capital se reproduz por meio das necessidades humanas. Toda produção da vida humana, em última análise, por se dar por meio da mercadoria, promove antes, o par contraditório do valor de uso, valor de troca, desta maneira se coloca acima da vida, acima da existência humana, uma perpétua busca pela mais valia e pelo lucro.

O capital subsumiu todas as esferas da vida humana, transformou-as em sua constante produção e reprodução: a mercadoria em ação, o sujeito automático, o *a priori* metafísico.

NO CAPITALISMO, O MUNDO É DAS MERCADORIAS

Nas mercadorias está sintetizado trabalho social humano, que se torna valor de troca, presente e futuro, realizado e capaz de ser realizável, que apesar de invisível, o valor de troca, organiza a sociedade. Somente assim é possível as mercadorias se relacionarem umas com as outras sem causar espanto, viajarem e terem mais liberdade que qualquer ser humano sobre a face da Terra. Por que sem espanto? A chave para esse questionamento encontra-se na categoria Fetiche, contudo, façamos uma digressão histórica para compor a análise das relações fetichizadas.

O que Marx designa como 'gelatina de trabalho humano' é o caráter específico que o trabalho assume no modo de produção capitalista. Ou seja, no decurso da modernização, não importa se o indivíduo produz sapatos, roupas, eletrodomésticos ou alimentos, o cânon do trabalho no capitalismo é o número, uma relação quantitativa, em outras palavras, todos os trabalhos reduzidos a uma unidade exprimível na troca. Por essa razão, as mercadorias quando expostas na vitrine de uma loja de grife na zona sul ou em um camelódromo no centro da cidade, não mostram em sua aparência o trabalho que a produziu. No entanto, essa gelatina de trabalho, a média de todos os trabalhos socialmente necessários produzidos, é o que determina o valor que se realizará na circulação das mercadorias, e como dissemos anteriormente, como circulam.

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos (Marx, 1985, p. 71).

O trabalho humano reificado na mercadoria não está estampado em sua etiqueta, ao invés disso, a mercadoria cintila e seduz o indivíduo, que a deseja, talvez exatamente por não se reconhecer como seu criador. A noção de mercadoria é fundamental para compreender nossa sociabilidade, nossa visão de mundo e nossos objetivos futuros.

A mercadoria somente pode ser produzida pelo trabalho. A produção de mercadorias é o motor do tempo presente e nos coloca num futuro determinado pelas exigências da realização do valor. O trabalho é fundamental para compreender a produção de mercadorias e o metabolismo social. Desta forma, Marx nos permite compreender o trabalho humano como a base de toda sociedade e essa tem todos seus objetivos voltados para produção e reprodução dos ditames do capitalismo materializados na mercadoria. A produção de mercadoria nos coloca diante das implicações sociais e econômicas quanto ao valor de uso e o valor de troca na organização social e nas relações escalares da produção.

A exploração do trabalho no capitalismo objetiva sempre a extração de mais valia e lucro, essa busca organiza a sociedade em todas as instâncias, instituições e escalas a partir da

e para a produção da mercadoria. O lucro substitui os valores humanos, visto que o objetivo principal do capitalismo é o lucro e nunca a satisfação das necessidades reais dos indivíduos. A delimitação da força de trabalho está na sua alienação e fetichização da mercadoria e no papel da mesma como mão de obra, logo é desumanizada e constituída como 'máquina' para produzir e assim a exploração do trabalho se manifesta na apropriação da mais-valia e na permanente ampliação da taxa de lucro para os proprietários dos meios de produção.

O desenvolvimento da sociedade capitalista está diretamente engajado na produção de mercadorias, isto é, no trabalho que é dedicado à construção da realidade material. Desta forma, o trabalho enquanto mercadoria é o mediador da própria realidade, ele que efetiva a construção da consciência para o modo de produção capitalista, destarte, a produção da vida material se dá mediada pela mercadoria, que produz também a consciência e as formas objetivas de interação com o imediato, que se constituirá sempre como mediado, assim sendo, temos o material que é histórico e dialético. Histórico, pois sua constituição é um acúmulo de tempos, material pois é os meios de vida e a própria constituição dos objetos que nos cercam e nos servem para a satisfação das nossas necessidades, e dialético porque possui também o negativo, invisível, enquanto forma valor. O trabalho é o sujeito da sociedade e ao mesmo tempo obnubila o indivíduo aos seus desígnios e o forma enquanto objeto de valorização do valor, logo a mercadoria torna-se o mediador social e sujeito automático, que domina e controla o indivíduo, não o seu contrário. É assim que o trabalho se opõe ao indivíduo, produzindo-o com mercadoria essencial para a produção e sendo a ele estranho, e ao realizar o trabalho, o trabalhador se realiza enquanto indivíduo, explorado, o fruto do seu trabalho torna-se o negativo, a substância do valor.

A mediação do trabalho pela mercadoria promove a construção de uma abstração capaz de efetivar o sentido da existência pela vinculação permanente do conceito de humanidade com o conceito de produção. A humanidade produzida pela mercadoria é mediada por um trabalho que consome o indivíduo como motor dessa produção.

Nas sociedades pré-capitalistas, o dispêndio de energia por meio dos indivíduos para produzir a vida era voltado apenas à satisfação de suas necessidades imediatas, já no capitalismo, o trabalho tornado mercadoria, coloca a prevalência do valor de troca e faz com que a apropriação da natureza para a satisfação humana, uma condição social da sobrevivência, passasse a compreender a natureza como recurso para a transformação, pelo trabalho cientificizado e especializado; assim, o processo de produção da mercadoria não evidencia as contradições do capitalismo e nem as condições do trabalho que o mesmo foi realizado. Neste sentido Marx, 'n'O Capital', salienta que na produção de mercadorias, a natureza de um lado e o ser humano de outro, são mediados pelo trabalho, mas as condições reais desse trabalho não são visualizadas nas mercadorias, isto é, o trabalho materializado na mercadoria não evidencia sob quais condições o mesmo é realizado. Desta forma, é preciso

sempre olhar para todas as mercadorias como opressão, como condição permanente do processo de dominação da forma social sobre os indivíduos.

O próprio indivíduo se faz e ao pensar a vida a partir do seu papel na promoção do valor de troca, orienta sua existência na produção de mercadorias e na execução de serviços, vendendo, desta forma, constantemente suas vontades para uma vontade totalmente alheia e que passa a ser prioridade conforme a alienação progride no indivíduo. É preciso compor um certo estranhamento da produção e se desencontrar nesse processo para frisar a luta contra a orientação da abstração do trabalho para a busca da superação desse estado de coisas, a dominação de uma forma social, abstrata sob os indivíduos viventes e reais. A orientação para o trabalho é uma força autoritária que é processada na família, no Estado, na igreja, na escola e na universidade, enfim, o trabalho para a produção de valor de troca é uma realidade que não leva em consideração a vida dos indivíduos para além do trabalho e da exploração, ou seja, o trabalho coloca-se como um demiurgo.

A substância do valor é o trabalho. O valor está relacionado à carga de trabalho executada sobre a mercadoria e o ponto central é a quantidade de tempo socialmente despendido sobre ela. O tempo é o ponto central do processo da produção do valor. O tempo para a produção das mercadorias está contido na determinação de seus preços. Quem produz as mercadorias é o trabalhador; assim, além da mais-valia existe a exploração quanto ao tempo de vida de cada trabalhadora e trabalhador. Não é jamais calculado pelos trabalhadores o valor de sua hora de vida, pois o que é calculado pelos movimentos de greves, pelos sindicatos, pelas lutas efetivas pelos direitos trabalhistas são as horas de trabalho e jamais as horas de vida. Assim, questionamos: quanto vale uma hora de vida de um ser humano? (Barbosa, 2024).

Essa é uma brutalidade que se organizou historicamente desde a escravidão e tem seguido esse curso de exploração e opressão. O elemento prodigioso para pensarmos a composição de luta contra a Sociedade Produtora de Mercadorias é a própria vida. Marx analisa o tempo de trabalho sobre a mercadoria e graças às suas análises conseguimos compreender a dupla exploração pela mais-valia e pela exploração da própria existência dos trabalhadores.

Desta forma, entendemos que o tempo é roubado da VIDA DOS TRABALHADORES, por meio de sua exploração no capitalismo. Segundo Marx no primeiro volume 'd'O Capital', existe uma complexa relação entre tempo, trabalho e valor no capitalismo, pois a substância do valor está no trabalho humano, e com isso o valor da mercadoria é determinado pela quantidade de tempo socialmente necessário para sua produção. Marx aponta que a força de trabalho é comprada e vendida, seu valor é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção das mercadorias necessárias à sua reprodução enquanto ser vivo, a cesta básica. Assim, entendemos que o tempo é o fator central da produção, já que o tempo empreende o indivíduo a compreender seu ritmo de existência, um ritmo que está vinculado à máquina.

O ritmo do capitalismo é o ritmo dado pelas condições da força produtiva em dado momento histórico que coloca o meio e o volume de trabalho e com isso o tempo é a medida do valor, ou seja, a vida do trabalhador e da trabalhadora não são medidos em função de sua existência e sim em função do consórcio entre o desempenho de seu trabalho e a maquinaria que resulta em mercadoria. Marx argumenta que o tempo é a medida universal do valor e entendemos que esse valor está atrelado à vida enquanto totalidade. O valor fornecido pela produção da mercadoria por meio do esforço físico, psicológico, espiritual e mental despendido pelo trabalhador na sua função social precisa levar em consideração a vida como totalidade para além da produção de mercadoria. O valor do trabalho a partir do tempo permite comparar o valor de diferentes mercadorias, mas não permite compreender o valor da vida humana.

Explorar o trabalhador e a trabalhadora é o ponto nevrálgico da produção capitalista, uma vez que a exploração assume uma dupla dimensão: a apropriação da mais-valia e a exploração do tempo de vida. É preciso constituir um caminho de entendimento que a mais-valia é a exploração econômica do trabalhador e a exploração do tempo de vida é o roubo da vida do trabalhador.

O roubo da vida se dá integralmente vinculado ao tempo para reprodução do capitalismo, ou seja, o tempo de trabalho é o tempo forjado para a produção de mercadorias que ao se apropriar do tempo de trabalho também se apropria do tempo de vida, pois toda sua existência está vinculada a sua produção e reprodução, sua utilidade como mercadoria que se vende como mão de obra, logo essa condição tem limitado de forma significativa uma vida livre, completa, plena e saudável.

Desta forma, entendemos que o mundo das mercadorias é um mundo do capitalismo e onde vivemos é um mundo centrado na produção de um estilo de vida voltado para a mercadoria como centralidade. Para a produção da mercadoria ser constante e seguir os objetivos do capitalismo é preciso produzir uma consciência para a mercadoria, tal consciência parte do indivíduo que efetiva as ações concretas no mundo por meio do trabalho.

Em ‘Ideologia alemã’, Marx e Engels (2007, p. 94), apontaram que:

A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico.

O ser consciente é o ser da ação para um fim. Deste modo, o trabalho media a relação da sociedade com a natureza. A natureza, segundo Rocha (2023), constitui a base da produção de mercadorias, que a define, visto que a forma valor está entre o sujeito e objeto, isto é, entre o trabalhador que transforma a natureza, e a mercadoria, natureza transformada. Assim, o

trabalhador elabora seu aprendizado e seus objetivos no seu trabalho para transformar a natureza em objeto, transformando-o em algo útil com um valor social. Com isso o trabalhador passa a ser um sujeito que se organiza abstratamente para a concretude da conexão entre o objeto e sua realidade, mas sua realidade é também a abstração do próprio objeto que se distancia. A natureza transformada passa a ser uma construção 'natural' e não uma questão social centrada no sujeito no/do capitalismo.

Rocha (2023) coloca que a abstração do trabalho leva a um fetichismo que não será criticado pela sociedade, pois a vivência da sociedade está na própria existência da fetichização; assim, o Fetiche da Mercadoria alcança a natureza, enquanto fruto da mercadoria, logo ideologicamente os sujeitos compreendem que o valor das coisas está na natureza e dela tudo é natural, até mesmo a sociedade, com isso se distancia da mediação do trabalho na transformação da natureza. Deste modo, a relação do Fetiche com o processo ideológico evidencia as mercadorias como se as mesmas tivessem vida própria, ou seja, a mercadoria como algo natural, logo a mercadoria como natureza dita as suas próprias regras e assim temos a natureza como universalidade distante do trabalho, mas próxima constante da mercadoria como uma condição natural.

A fetichização da mercadoria por sua naturalidade camufla o valor como resultado direto dos processos de exploração da natureza e do trabalhador, logo essa condição impede que a lógica do capital seja quebrada tendo como consequências devastação ambiental, desastres ditos 'naturais' e o aperfeiçoamento das explorações capitalistas ampliando cada vez mais as desigualdades sociais.

Assim, conforme Rocha (2023), a natureza vem trazendo consequências diretas que afetam os seres humanos por meio da tormenta direcionada pela exploração capitalista que resulta em inúmeros desastres e eventos extremos. Combatendo esse processo temos a consciência social que não pode ser naturalizada, pois é preciso debater uma realidade que é construída sempre artificialmente por meio do modo de produção capitalista. A naturalização, portanto, da mediação entre o sujeito e o objeto é fundamental para o aperfeiçoamento lógico do capitalismo, pois o mesmo impede que o sujeito se compreenda na forma valor. O natural, portanto, se torna Fetiche e por isso camufla as contradições evidenciadas pelas violências e opressões do capitalismo.

A mercadoria se torna o demiurgo, mas as pessoas acham que elas são soberanas, na medida em que vivem vão se contagiando com a violência da mercadoria sem entender minimamente essa naturalização das contradições e dos sofrimentos. A mercadoria circula e promove cada vez mais sua constituição ontológica no indivíduo; assim, o indivíduo entende que a mercadoria é sua única finalidade seja como trabalho ou meio de vida.

A mercadoria precisa ser transformada em valor universal para que o capitalismo continue avançando na estruturação e superestruturação do mundo. O valor universal está na

mediação colocada pelo equivalente geral, forma que permite a troca. A mercadoria é uma das formas do valor que se equivalem em uma outra de suas aparências, o dinheiro. Toda mercadoria tem o Fetiche, que se torna possível de ser permutada, mesmo que seja algo extremamente belicoso como tecnologia nuclear ou um simples carrinho de brinquedo.

‘N^oO Capital’, Marx salienta que as mercadorias são trocadas por outras (M - D - M); assim, a mercadoria é vendida, logo circula como mercadoria, e esse movimento revela a troca da função mercadoria para a forma dinheiro, logo o dinheiro torna-se um valor universal que movimenta, circula, vende, compra, reproduz e produz mercadorias, movimento denominado de metamorfoses da forma mercadoria. Ter dinheiro, portanto, é a única forma de adquirir coisas, objetos, casas, comida, enfim, a única maneira de existir. Deste modo, quem controla o dinheiro contra absolutamente tudo, pois para produzir mercadorias precisamos sempre de dinheiro, logo dinheiro faz dinheiro. O valor da mercadoria após ser vendida desaparece, pois o que passa a existir é o valor dinheiro, é quanto o dinheiro ‘fala’ sobre aquela mercadoria. A mercadoria existe como um espelho para o dinheiro e ela não consegue se enxergar, pois a única coisa que é evidenciada é seu valor de troca posterior a sua transformação em dinheiro.

O dinheiro é a mercadoria universal dos contratos, conforme afirmou Marx, assim, quando o dinheiro se torna mercadoria e entra na circulação para se tornar mais dinheiro, temos a composição do valor do dinheiro como capital, de organização da produção e determinação da mercadoria, bem como classifica o uso da mercadoria a partir do poder do dinheiro, do poder de compra e circulação. Neste sentido, o dinheiro é a forma universalizante do valor, portanto, do poder e se torna válido em todo mundo, o equivalente geral. A mercadoria tem sua particularidade a partir da relação entre o valor-dinheiro e sua importância constituída socialmente disfarçada nas características específicas de cada produto com suas formas, funções e *marketing*.

Assim, o valor da mercadoria está no valor dado socialmente, determinado pelo tempo socialmente necessário para a sua produção, meio de exploração, de extração da mais-valia. O dinheiro tem limite de circulação para o trabalhador por meio do salário, entendemos que o salário é uma técnica de dominação muito eficiente organizada pelos proprietários dos meios de produção (Barbosa, 2023). Se tem limite de dinheiro, tem limites de mercadorias, bens, serviços e tudo que envolve a existência material. Os trabalhadores não conseguem efetivamente transformar o dinheiro em capital, pois não conseguem produzir mais-dinheiro, visto que seu trabalho é limitado na troca de horas de trabalho por dinheiro para transformar a natureza em mercadoria ou em serviços.

O trabalhador, portanto, precisa ser compreendido também como mercadoria, pois precisa se vender dia após dia por uma quantidade de dinheiro, tal dinheiro não será transformado em capital, pois o utiliza como meio para troca com as mercadorias necessárias à sua sobrevivência. Consome mercadorias e é também consumido enquanto mercadoria,

entrando dentro do circuito de valorização de forma dupla, produtor do valor e consumidor de mercadorias, aquele que realiza o valor por meio da fixação do seu trabalho na mercadoria e ao mesmo tempo aquele que permite que o valor seja realizado a partir do consumo da mercadoria.

João recebe seu pagamento como pedreiro, Maria recebe seu pagamento como metalúrgica, enfim, o pagamento é o dinheiro em movimento para a conclusão do círculo entre o trabalho empreendido sobre a natureza e a produção da mercadoria. João e Maria precisam de dinheiro para comprarem mercadorias, pagarem o financiamento, o aluguel, a água, a conta de luz e gás, ou seja, todo trabalho empreendido terá como finalização o pagamento do salário, isto é, das horas que foram trabalhadas. Esse dinheiro de João e Maria facilitará as trocas de mercadorias e a compra de outros produtos e serviços, ou seja, o dinheiro como pagamento é limitado na sua origem, desde o início da jornada de trabalho, como meio de troca e medida de valor, nada mais que isso, então, João e Maria não conseguirão trazer outra função ao seu dinheiro, já que o principal desse dinheiro sempre é repetir o ciclo de produção e forjar no indivíduo, na sua abstração diária, uma subjetividade produtiva, com isso esse dinheiro como pagamento do salário, não tem outra função além do estímulo permanente da condição humana como condição de submissão ao capital.

O salário como dinheiro em movimento não permitirá que exista outra situação para o trabalhador, logo o salário é uma técnica de dominação que impede de forma permanente a transformação do dinheiro em capital. O capital precisa ampliar constantemente suas taxas de lucros, para isso a promoção de uma mais-valia cada vez mais violenta é fundamental; assim, o ciclo do pagamento salarial como ciclo da transformação da mercadoria em dinheiro e do dinheiro em capital precisa ser ampliado às urgências da produção, como resultado temos o aumento da exploração do trabalhador, ainda há a crise colocada pela queda constante da taxa de lucro, porém discutida no livro III 'd'O Capital', da qual discutiremos em outra oportunidade.

Desta forma, entendemos que o dinheiro é mais do que uma ferramenta, e jamais pode ser compreendido como neutro, pois o dinheiro é diferenciado por aquele que o possui; assim, João e Maria tem um dinheiro que jamais será transformado em capital e isso significa que precisam se submeter ao jugo da lógica da produção de mercadorias para minimamente sobreviverem. Toda a relação do dinheiro para o trabalhador tem seu limite na própria sobrevivência. Esse dinheiro é fundamental para os proprietários dos meios de produção, pois o utilizam de forma tautológica, inserindo-o constantemente no processo de produção visando sua reprodução ampliada, produzindo, desta maneira, mais dinheiro, ao mesmo tempo promovendo a ampliação permanente de mercadorias, dinheiro e capital.

Devido à constante necessidade de desenvolvimento das forças produtivas, colocada pela fricção das mercadorias, a concorrência, onde todas as formas de trabalho irão formar a

taxa de valor mínima a ser atingida por x horas de trabalho e então ser o tempo social necessário para a produção de determinada mercadoria, os proprietários dos meios de produção estão o tempo todo reinvestindo parte de seus capitais no processo produtivo, para que possam produzir mais e mais barato, para assim acompanhar a concorrência e ter sucesso no mercado. Esse movimento coloca em curso a contradição capital-trabalho, uma contradição em processo, pois os avanços das forças produtivas se dá por meio da inserção de mais tecnologias, tanto físicas, como abstratas, e dispensa de trabalhadores, os substituem pelas máquinas ou novas organizações do processo produtivo, temos então, a contradição sendo ressaltada, pois o trabalho vivo é o único capaz de produzir valor, ao dispensar trabalhador é necessário vender uma quantidade maior de mercadorias para se extrair a mais valia de forma relativa a esse conjunto aumentado, porém dentro de uma realidade de dispensa de trabalhadores, ou seja, de diminuição constante do mercado consumidor, além dessa contradição, temos ainda o aumento da necessidade de energia e recursos naturais, o que se desdobra fenomenicamente em crise ambiental.

Ao dispensar trabalhadores do processo produtivo aumenta-se o exército de reserva de mão-de-obra, portanto a oferta de trabalho no mercado, o que força a diminuição de seu valor. Temos ainda que aqueles que estão no processo produtivo, devido à queda da quantidade de valor por mercadoria individual serão superexplorados, para que o lucro dos proprietários dos meios de produção sejam os maiores possíveis, por vezes o trabalhador é submetido ao trabalho análogo à escravidão ou ainda terão seus direitos trabalhistas subtraídos, com a anuência do Estado, como assistimos sob a gestão do ex-presidente golpista Michel Temer em sua reforma insidiosa das leis trabalhistas. Outra forma de aumentar o lucro dentro dessa realidade contraditória entre o capital e o trabalho é diminuir os custos da matéria prima, assim, leis ambientais são extintas para que se explore o meio natural com os menores custos possíveis, o resultado são catástrofes ambientais, que por sua vez são mais incisivas com os mais vulneráveis, ou seja, os trabalhadores precarizados.

O capital é um dos verdadeiros inimigos da espécie humana, real, apesar de se apresentar de forma abstrata, sob a forma fantasmagórica, da qual Marx chamou de Fetice da Mercadoria, uma abstração, uma forma social que domina e submete à todos, os possuidores dos meios produtivos e os possuidores da força de trabalho.

É preciso frisarmos que o capital, enquanto mercadoria e dinheiro, está ligado à exploração do trabalho, cuja abstração é a sua substância de valor, da natureza, da qual transforma em mercadoria, e da sociedade, onde se realiza, logo a organização capitalista, a Sociedade Produtora de Mercadorias, a partir da concentração de capital promove a desigualdade econômica e social por meio da concentração de riqueza, seu fundamento. Deste modo, o sistema capitalista depende da concentração de riqueza para se firmar como modo de

produção: é nesse ciclo que o capital se reproduz e se expande. E podemos afirmar que a mercadoria tem prevalecido sobre a existência humana.

UMA “NÃO CONCLUSÃO”

Esse primeiro trabalho coletivo tem a força de trabalhadores que de forma teimosa chegou até a universidade, numa luta diária para a sobrevivência, mas lutando cotidianamente em busca de uma saída, uma possibilidade que seja para uma vida fora da forma mercadoria, e nesse caminho, cheio de percalços vai entendendo como essa sociedade se organiza, e a cada parágrafo, cada livro, cada debate que participa, o faz em permanente busca pela fagulha da transformação, para uma sociedade onde possamos nos realizar de forma plena. Resistimos, desse modo, negando a sobrevivência mecânica na esteira da produção, buscando o pensar para além dos estabelecidos pela lógica da valorização. Cada pedra no caminho nos torna mais fortes, e mesmo que não encontremos uma saída real, uma nova utopia segue em nossos horizontes, em nossos sonhos, em nosso peito nunca adormece a vontade de superação.

A universidade no Brasil por muitas décadas foi palco exclusivo do pensamento conservador dos possuidores dos meios produtivos nacional e internacional. Esse grupo de estudos vinculados ao Núcleo Teoria Anticolonial do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia surgiu para que fosse ampliado o conhecimento revolucionário contido no livro *O Capital* de Karl Marx.

Assim, entendemos que ‘*O Capital*’ promove diversas categorias e conceitos importantes para que o conhecimento do capitalismo e sua promoção estrutural e superestrutural sejam substituídos por uma sociedade organizada pelos trabalhadores, aqueles que realmente produzem riqueza. Realizamos semanalmente nossas leituras e discussões voltadas para criarmos outra sociedade, para isso nos aprofundamos no conhecimento organizado por Marx que identifica as contradições inerentes ao sistema capitalista.

A leitura ‘*d’O Capital*’ nos fornece as ferramentas teóricas para pensarmos todas as dimensões da vida estruturada pela produção capitalista, com isso compreendemos o capitalismo a partir da exploração da mais-valia, a partir do trabalho como mediação de uma realidade forjada por uma lógica que passa às costas dos indivíduos. A mais-valia será tema de outros trabalhos que estamos desenvolvendo, pois nesse primeiro momento nos preocupamos em demonstrar os principais conceitos, tal como o fetiche, na organização de uma leitura coletiva que tem uma finalidade: transformar a sociedade.

Que a língua de fogo que tudo em cinza transforma possa também queimar essa lógica social, que de sua destruição venha o adubo para o novo, o que ainda não foi dito, pensado, àquilo que ainda não o é, mas que ainda há de ser. A esperança é mais forte que o capital.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. **Manual de anticolonialismo**: a construção do anticolonialismo hoje. Uberlândia: Núcleo Teoria Anticolonial, 2023.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro primeiro, volume I: o processo de produção do capital: tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **A ideologia alemã**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROCHA, A. C. **Natureza e naturalização sob a forma mercadoria**: o Parque Tizo na situação metropolitana de São Paulo. São Paulo: Dialética, 2023.

SILVA, L. R. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 1991.